

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

MAIO DE 1861

Nº 5

## Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC

Por ocasião da renovação do ano social, pronunciado na  
sessão de 5 de abril de 1861.

Senhores e caros colegas,

No momento em que nossa Sociedade inicia o seu quarto ano, creio que devemos um agradecimento especial aos Espíritos bons que se têm dignado assistir-nos e, em particular, ao nosso Presidente espiritual, cujos sábios conselhos nos preservaram de vários perigos e cuja proteção permitiu vencêssemos as dificuldades semeadas em nosso caminho, certamente para pôr à prova o nosso devotamento e a nossa perspicácia. Devemos reconhecer que sua benevolência jamais nos faltou e, graças ao Espírito bom de que a Sociedade agora está animada, triunfou sobre a má vontade de seus inimigos. Permiti-me, a propósito, algumas observações retrospectivas.

A experiência havia-nos demonstrado lacunas lamentáveis na constituição da Sociedade, que abriam a porta a

certos abusos. A Sociedade as reparou e, desde então, só teve de se felicitar. Realiza o ideal da perfeição? Não seríamos espíritas se tivéssemos o orgulho de o crer. Mas, quando a base é boa e o resto não depende senão da vontade, é preciso esperar que, auxiliados pelos Espíritos bons, não paremos no caminho.

No número das mais úteis reformas deve-se colocar em primeiro lugar a instituição dos *sócios livres*, que dá mais fácil acesso aos candidatos, permitindo que se conheçam e se apreciem antes de sua admissão definitiva como membros titulares. Participando nos trabalhos e nos estudos da Sociedade, aproveitam tudo quando nela se faz. Como, porém, não têm voz na parte administrativa, não podem, em nenhum caso, comprometer a responsabilidade da Sociedade. Vem a seguir medida que teve por objeto restringir o número dos ouvintes e cercar de maiores dificuldades, por uma escolha mais severa, a sua admissão às sessões; depois, a que interdita a leitura de qualquer comunicação obtida fora da Sociedade, antes de ser conhecida previamente e que a leitura tenha sido autorizada; enfim, as que armam a Sociedade contra quem quer que possa trazer perturbação ou tente impor-lhe a sua vontade.

Há outras ainda que seria supérfluo lembrar, cuja utilidade não é menor e cujos felizes resultados podemos apreciar diariamente. Mas se tal estado de coisas é compreendido no seio da Sociedade, o mesmo não se dá fora dela, onde – nem é preciso dissimular – não temos somente amigos. Criticam-nos em vários pontos, e embora não tenhamos que nos preocupar com isto, pois a ordem da Sociedade só a nós interessa, talvez não seja inútil lançar uma vista d'olhos sobre aquilo que nos censuram, porque, em última análise, se essas censuras fossem fundadas, deveríamos aproveitá-las.

Certas pessoas desaprovam a severa restrição à admissão dos ouvintes; dizem que se quisermos fazer prosélitos é

preciso esclarecer o público e, para isso, abrir-lhe as portas de nossas sessões, autorizar todas as perguntas e todas as interpelações; que se não admitirmos senão pessoas crentes, não teremos grande mérito em convencê-las. Esse raciocínio é especioso; se, abrindo nossas portas a qualquer um, o resultado suposto fosse alcançado, certamente erraríamos se não o fizéssemos. Mas como é o contrário que aconteceria, não o fazemos.

Afinal de contas, seria muito desagradável que a propagação da doutrina se subordinasse à publicidade de nossas sessões. Por mais numeroso que fosse o auditório, seria sempre muito restrito, imperceptível, comparado à massa da população. Por outro lado, sabemos por experiência que a verdadeira convicção só se adquire pelo estudo, pela reflexão e por uma observação contínua, e não assistindo a uma ou duas sessões, por mais interessantes que sejam. Isto é tão verdadeiro que o número dos que crêm sem ter visto, mas porque estudaram e compreenderam, é imenso. Sem dúvida o desejo de ver é muito natural e estamos longe de o censurar, mas queremos que vejam em condições aproveitáveis. Eis por que dizemos: Estudai primeiro e vede depois, porque compreenderéis melhor.

Se os incrédulos refletissem sobre esta condição nela veriam, para começar, a melhor garantia de nossa boa-fé e, depois, a força da doutrina. O que mais teme o charlatanismo é ser compreendido; ele fascina os olhos e não é tolo a ponto de se dirigir à inteligência, que facilmente descobriria o reverso da moeda. O Espiritismo, ao contrário, não admite a confiança cega; quer ser claro em tudo; quer que lhe compreendam tudo, que se dêem conta de tudo. Por conseguinte, quando prescrevemos o estudo e a meditação, pedimos o concurso da razão, assim provando que a ciência espírita não teme o exame, uma vez que, antes de crer, sentimos a necessidade de compreender.

Não sendo de demonstração as nossas sessões, sua publicidade não atingiria o objetivo e teria graves inconvenientes. Com um público não selecionado, trazendo mais curiosidade que verdadeiro desejo de instruir-se e, ainda mais, a vontade de criticar e ridicularizar, seria impossível ter o recolhimento indispensável para toda manifestação séria; uma controvérsia mais ou menos malevolente, na maior parte do tempo baseada na ignorância dos mais elementares princípios da Ciência, provocaria eternos conflitos, nos quais a dignidade poderia ser comprometida. Ora, o que nós queremos é que, ao sair de nossa casa, os ouvintes não levem convicção, mas levem da Sociedade a idéia de uma assembléia grave, séria, que se respeita e sabe fazer-se respeitar, que discute com calma e moderação, examina com cuidado, aprofunda tudo com olho de observador consciencioso, que procura esclarecer-se, e não com a leviandade de simples curioso. E crede-o bem senhores, esta opinião faz mais pela propaganda do que se saíssem com o único pensamento de haverem satisfeito a curiosidade, porquanto a impressão dela resultante os induz a refletir, ao passo que, no caso contrário, estariam mais dispostos a rir do que a crer.

Eu disse que as nossas não são sessões de demonstração, mas se algum dia as fizéssemos desse gênero, para uso dos neófitos, quer se tratasse para instruí-los ou convencê-los, tudo nelas se passaria com tanta seriedade e recolhimento quanto nas nossas sessões ordinárias; a controvérsia estabelecer-se-ia com ordem, de maneira a ser instrutiva e não tumultuosa, e quem quer que se permitisse uma palavra inconveniente seria excluído; então a atenção seria mantida e a própria discussão aproveitaria a todos. É provavelmente o que faremos um dia. Perguntarão, sem dúvida, por que não o fizemos mais cedo, no interesse da vulgarização da Ciência. A razão é simples: é que quisemos proceder com prudência, e não como estouvados, mais impacientes que refletidos. Antes de instruir os outros quisemos, nós próprios, nos instruir. Queremos apoiar nosso ensino sobre uma imponente

massa de fatos e observações, e não sobre algumas experiências incoerentes, observadas leviana e superficialmente.

Toda ciência, em seu início, encontra forçosamente fatos que, a princípio, parecem contraditórios, de modo que só um estudo minucioso e completo pode demonstrar-lhe a conexão. Foi a lei comum desses fatos que quisemos buscar, a fim de apresentar um conjunto tão completo, tão satisfatório quanto possível, sem deixar a mínima oportunidade para a contradição. Com este objetivo recolhemos os fatos, examinamo-los, escrutamo-los no que eles têm de mais íntimo, comentamo-los, discutimo-los friamente, sem entusiasmo, e foi assim que chegamos a descobrir o admirável encadeamento que existe em todas as partes desta vasta Ciência, que toca os mais graves interesses da Humanidade. Tal foi até o momento, senhores, o objetivo dos nossos trabalhos, objetivo perfeitamente caracterizado pelo simples título de Sociedade de *Estudos Espíritas*, que adotamos. Reunimo-nos com a intenção de nos esclarecermos e não de nos distrairmos. Não buscando uma diversão, não queremos divertir os outros. Daí por que não queremos ter senão ouvintes sérios, e não curiosos que aqui julgassem encontrar um espetáculo. O Espiritismo é uma Ciência e, como qualquer outra ciência, não se aprende brincando. Ainda mais, tomar as almas dos que se foram como assunto para distração seria faltar ao respeito que merecem; especular sobre sua presença e sua intervenção seria impiedade e profanação.

Estas reflexões respondem à crítica que algumas pessoas nos dirigiram, por voltar a fatos conhecidos e não procurar constantemente novidades. No ponto em que estamos é difícil que, à medida que avançamos, os fatos que se produzem não girem mais ou menos no mesmo círculo; mas esquecem que fatos tão importantes quanto os que tocam o futuro do homem só podem chegar ao estado de verdade absoluta após um grande número de observações. Seria leviandade formular uma lei baseada em alguns exemplos. O homem sério e prudente é mais circunspeto; não

apenas quer ver tudo, mas ver muito e muitas vezes. Eis por que não recuamos diante da monotonia das repetições, porque delas resultam confirmações e, freqüentemente, matizes instrutivos, mas, também, porque nelas descobriríamos fatos contraditórios, cujas causas rebuscaríamos. Não temos a menor pressa de nos pronunciarmos sobre os primeiros dados, necessariamente incompletos; antes de colher, esperamos a maturidade. Se temos avançado menos do que alguns desejariam na sua impaciência, marchamos com mais segurança, sem nos perdermos no labirinto dos sistemas; talvez saibamos menos coisas, mas sabemos melhor, o que é preferível, e podemos afirmar o que sabemos segundo o testemunho da experiência.

Aliás, senhores, não penseis que a opinião dos que criticam a organização da Sociedade seja a dos verdadeiros amigos do Espiritismo; não, é a dos seus inimigos, que estão melindrados por ver a Sociedade prosseguir seu caminho com calma e dignidade, através das emboscadas que lhe armaram e ainda armam. Eles lamentam que o acesso a ela seja difícil, porque ficariam contentíssimos de aqui semear a perturbação. Por isso também a censuram, por limitar o círculo de seus trabalhos, sob o pretexto de que não se ocupa senão de coisas insignificantes e sem alcance, já que se abstém de tratar de questões políticas e religiosas; gostariam de vê-la entrar na controvérsia dogmática. Ora, é isso precisamente que os denuncia. Com muita prudência a Sociedade se fechou num círculo inatacável à malevolência. Ferindo o seu amor-próprio, queriam arrastá-la por um caminho perigoso, mas ela não se deixará levar. Ocupando-se exclusivamente das questões que interessam à Ciência, e que não podem fazer sombra a ninguém, ela se pôs ao abrigo dos ataques e assim deve permanecer. Por sua prudência, moderação e sabedoria, conciliou a estima dos verdadeiros espíritas, estendendo-se a sua influência até países distantes, de onde aspiram a honra de dela fazer parte. Ora, essa homenagem que lhe é prestada por pessoas que só a conhecem de nome, por seus trabalhos e pela consideração que conquistou, é-

lhe cem vezes mais preciosa que o sufrágio dos imprudentes muito apressados, ou dos malévolos que queriam arrastá-la à sua perda e ficariam muito contentes por vê-la comprometida. Enquanto eu tiver a honra de a dirigir, todos os meus esforços tenderão a mantê-la nesta via. Se algum dia dela saísse, eu a deixaria no mesmo instante, porque a preço algum desejaria assumir essa responsabilidade.

Não obstante isso, senhores, sabeis das vicissitudes por que a Sociedade tem passado. Tudo quanto aconteceu antes e depois foi anunciado e tudo se realizou como fora previsto. Seus inimigos queriam sua ruína; os Espíritos, que a sabiam útil, queriam a sua conservação, de modo que ela se manteve e se manterá enquanto for indispensável aos seus objetivos. Se tivésseis observado, como pude fazê-lo, as coisas nos seus íntimos detalhes, não desconheceríeis a intervenção de um poder superior, que para mim é manifesto, e teríeis compreendido que tudo foi para o melhor e no interesse de sua própria conservação. Mas tempo virá em que, tal qual o é atualmente, ela já não será indispensável. Então veremos o que teremos a fazer, porque a marcha está traçada em vista de todas as eventualidades.

Os mais perigosos inimigos da Sociedade não são os de fora: podemos fechar-lhes as portas e os ouvidos. Os mais temíveis são os inimigos invisíveis, que aqui poderiam introduzir-se mau grado nosso. Cabe a nós provar-lhes, como já o temos feito, que perderiam o tempo se tentassem impor-se a nós. Sua tática, bem o sabemos, é procurar semear a desunião, lançar o facho da discórdia, inspirar a inveja, a desconfiança e as susceptibilidades pueris que geram a desafeição. Oponhamos-lhes a muralha da caridade, da mútua benevolência, e seremos invulneráveis, tanto contra suas malignas influências ocultas quanto contra as diatribes de nossos adversários encarnados, que mais se ocupam de nós, do que nós deles; porque podemos dizer, sem amor-próprio, que aqui jamais seu nome foi pronunciado, seja por uma questão de conveniência,

seja porque temos de nos ocupar de coisas mais úteis. Não forçamos ninguém a vir a nós. Acolhemos com prazer e solicitude as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e destas encontramos muitas para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam as costas por motivos fúteis, de amor-próprio ou de inveja. Estes não podem ser considerados como verdadeiros espíritas, apesar das aparências. É possível que creiam nos fatos, mas, seguramente, não acreditam nas suas conseqüências morais, pois, ao contrário, mostrariam mais abnegação, indulgência, moderação, e menos presunção de infalibilidade. Procurá-los seria mesmo prestar-lhes um mau serviço, porque seria fazer crer em sua importância e que não podemos passar sem eles. Quanto aos que nos denigrem, também não nos devemos preocupar; homens que valem cem vezes mais que nós foram denegridos e ridicularizados; não poderíamos ter privilégio quanto a esse ponto. Cabe-nos provar por nossos atos que suas diatribes não encontram ressonância, e as armas de que se servem voltar-se-ão contra eles.

Depois de ter, no início, agradecido aos Espíritos que nos assistem, não devemos esquecer os seus intérpretes, alguns dos quais nos dão seu concurso com um zelo, uma complacência jamais desmentidos. Em troca, não lhes podemos oferecer senão um estéril testemunho de nossa satisfação. Mas o mundo dos Espíritos os espera, e lá todos os devotamentos são levados em conta na razão do desinteresse, da humildade e da abnegação.

Em resumo, senhores, durante o ano que passou nossos trabalhos marcharam com perfeita regularidade e nada os interrompeu. Uma multidão de fatos do mais alto interesse foi relatado, explicado e comentado; questões muito importantes foram resolvidas; todos os exemplos que passaram sob nossos olhos pelas evocações, todas as investigações a que nos entregamos vieram confirmar os princípios da ciência e fortalecer as nossas crenças; numerosas comunicações, de incontestável superioridade, foram obtidas por diversos médiuns; a província e o estrangeiro nos



remeteram algumas deveras notáveis, provando não só quanto o Espiritismo se espalha, mas, também, sob que ponto de vista grave e sério ele agora é encarado por toda parte. Sem dúvida este é um resultado pelo qual devemos nos sentir felizes, mas há outro não menos satisfatório e que é, aliás, uma conseqüência do que havia sido predito desde a origem: é a unidade que se estabelece na teoria da doutrina, à medida que é estudada e mais bem compreendida. Em todas as comunicações que nos chegam de fora encontramos a confirmação dos princípios que nos são ensinados pelos Espíritos, e, como as pessoas que as recebem nos são, na maioria, desconhecidas, não se pode dizer que sofram a nossa influência.

O princípio mesmo da reencarnação, que inicialmente havia encontrado muitos contraditores, porque não era compreendido, é hoje aceito pela força da evidência e porque todo homem que pensa nele reconhece a única solução possível do maior número de problemas da filosofia moral e religiosa. Sem a reencarnação somos detidos a cada passo, tudo é caos e confusão; com a reencarnação tudo se esclarece, tudo se explica da maneira mais racional. Se ela ainda encontra alguns adversários mais sistemáticos que lógicos, seu número é muito restrito. Ora, quem a inventou? Seguramente não fostes vós, nem eu; ela nos foi ensinada, nós a aceitamos: eis tudo o que fizemos. De todos os fenômenos que surgiram no princípio, bem poucos sobrevivem hoje, e pode-se dizer que os seus raros partidários estão, principalmente, entre pessoas que julgam à primeira vista e, muitas vezes, conforme idéias preconcebidas e prevenções. Mas agora é evidente que quem quer que se dê ao trabalho de aprofundar todas as questões e julgar friamente, sem prevenção, sobretudo sem hostilidade sistemática, é levado invencivelmente, tanto pelo raciocínio quanto pelos fatos, à teoria fundamental que, pode-se dizer, hoje prevalece em todos os países do mundo.

Por certo, senhores, a Sociedade não fez tudo para este resultado. Mas, sem vaidade, creio que ela pode reivindicar uma

pequena parte; sua influência moral é maior do que se pensa, precisamente porque jamais se desviou da linha de moderação que se traçou. Sabe-se que ela se ocupa exclusivamente de seus estudos, sem se deixar desviar pelas mesquinhas paixões que se agitam à sua volta; que o faz seriamente, como deve fazer toda assembléia científica; que persegue o seu objetivo sem se misturar com nenhuma intriga, sem atirar pedras em ninguém, sem mesmo recolher as que lhe atiram. Sem sombra de dúvida, eis a principal causa do crédito e da consideração de que desfruta, dos quais pode sentir-se orgulhosa e que dá certo peso à sua opinião. Continuemos, senhores, por nossos esforços, por nossa prudência e pelo exemplo da união que deve existir entre os verdadeiros espíritas, a mostrar que os princípios que professamos não são para nós letra morta e que tanto pregamos pelo exemplo quanto pela teoria. Se nossas doutrinas encontram tanta ressonância é que, aparentemente, as acham mais racionais que as outras. Duvido que acontecesse o mesmo se tivéssemos professado a doutrina da intervenção exclusiva do diabo e dos demônios nas manifestações espíritas, doutrina hoje completamente ridícula, que mais excita a curiosidade do que amedronta, à exceção de algumas pessoas timoratas, que por si mesmas em breve reconhecerão a sua futilidade.

Tal qual é hoje professada, a Doutrina Espírita tem uma amplidão que lhe permite abarcar todas as questões de ordem moral; satisfaz a todas as aspirações e, pode-se dizer, ao mais exigente raciocínio, para quem quer que se dê ao trabalho de estudá-la e não esteja dominado pelos preconceitos. Ela não tem as mesquinhas restrições de certas filosofias; alarga ao infinito o círculo das idéias e ninguém é capaz de elevar mais alto o pensamento e tirar o homem da estreita esfera do egoísmo, na qual intentaram confiná-lo. Enfim, ela se apóia nos imutáveis princípios fundamentais da religião, dos quais é a demonstração patente. Eis, sem dúvida, o que lhe conquista tão numerosos partidários entre as pessoas esclarecidas de todos os países, e o que a fará prevalecer,

em tempo mais ou menos próximo, e isto malgrado os seus adversários, na maioria mais opostos pelo interesse do que pela convicção. Sua marcha progressiva tão rápida, desde que entrou na via filosófica séria, é-nos garantia segura do futuro que lhe é reservado e que, como sabeis, está anunciado em toda parte. Deixemos, pois, dizer e fazer os seus inimigos; eles nada poderão fazer contra a vontade de Deus, porque nada acontece sem a sua permissão. E, como dizia outrora um eclesiástico esclarecido: “Se essas coisas acontecem, é que Deus o permite, para avivar a fé que se extingue nas trevas do materialismo.”

## O Anjo da Cólera

Um de nossos correspondentes de Varsóvia escreveu-nos o seguinte:

“...Ouso reclamar vossa atenção para um fato de tal forma extraordinário que seria preciso colocá-lo na categoria do absurdo, se o caráter da pessoa que mo relatou não fosse uma garantia de sua realidade. Todos nós, que do Espiritismo conhecemos tudo quanto foi tratado por vós tão judiciosamente – o que significa que julgamos compreendê-lo bem – não encontramos explicação para este fato; desse modo, entrego-o à vossa apreciação, rogando me perdoeis o tempo que vos faço perder para o ler, caso não o julgueis digno de um exame mais sério. Eis do que se trata:

“A pessoa de quem falei acima estava, em 1852, em Wilna, cidade da Lituânia, na época assolada pela cólera. Sua filha, encantadora menina de doze anos, era dotada de todas as qualidades que constituem as naturezas superiores. Desde a mais tenra idade, fez-se notar por uma inteligência excepcional, uma bondade de coração e uma candura verdadeiramente angélicas. Em nossa região ela foi uma das primeiras a gozar da faculdade

mediúnic, sempre assistida por Espíritos de ordem bastante elevada. Muitas vezes, e sem ser sonâmbula, tinha pressentimento do que ia acontecer, e o predizia sempre com justeza. Estas informações não me parecem inúteis para julgar de sua sinceridade. Certa noite, tão logo as velas acabavam de ser apagadas, a garota, ainda completamente desperta, viu erguer-se diante de seu leito a figura lívida e sangrenta de uma velha, cuja simples visão a fez estremecer. A mulher aproximou-se do leito da menina e lhe disse: ‘Sou a cólera, e venho pedir-te um beijo; se me beijares, voltarei aos lugares que deixei e a cidade ficará livre da minha presença.’ A heróica menina não recuou diante do sacrifício: colou os lábios sobre o rosto gelado e úmido da velha e a visão – se era visão – desapareceu. Apavorada, a criança não se acalmou senão ao colo do pai, que, embora nada compreendendo do caso, estava, no entanto, convencido de que a filha havia dito a verdade; mas não falaram a ninguém. Por volta do meio-dia receberam a visita de um médico, amigo da família: ‘Venho trazer-vos uma boa notícia – disse ele; esta noite nenhum doente foi encaminhado ao hospital dos coléricos, que acabo de visitar.’ E, com efeito, desde esse dia a cólera deixou de ceifar. Cerca de três anos mais tarde, essa pessoa e sua família fizeram outra viagem à mesma cidade. Durante sua estada a cólera reapareceu e as vítimas já eram contadas por centenas, quando uma noite a mesma velha apareceu junto ao leito da menina, sempre perfeitamente desperta, e lhe fez o mesmo pedido, acrescentando que, se sua prece fosse atendida, dessa vez deixaria a cidade para nunca mais voltar. Como da primeira vez, a jovem não recuou. Logo viu abrir-se um sepulcro e se fechar sobre a mulher. A cólera acalmou-se como que por milagre, não tendo sido do meu conhecimento que haja reaparecido em Wilna. Era uma alucinação ou uma visão real? Ignoro-o. Tudo quanto posso garantir é que não posso duvidar da sinceridade da mocinha e de seus pais.”

Realmente, o fato é muito singular. Os incrédulos não deixarão de dizer que é uma alucinação; mas, provavelmente, ser-lhes-ia mais difícil explicar esta coincidência com um fato material,

que nada podia deixar prever. Uma primeira vez isto poderia ser levado à conta do acaso, essa maneira tão cômoda de passar sobre aquilo que não se compreende. Mas em duas ocasiões diferentes, em condições idênticas, era mais extraordinário. Admitindo o fato da aparição, restava saber o que era essa mulher. Era realmente o anjo exterminador da cólera? Estariam os flagelos personificados em certos Espíritos, encarregados de os provocar ou de os fazer cessar? Podia-se crer, vendo este desaparecer pela vontade dessa mulher. Mas, então, por que se dirigia ela àquela garota, estranha à cidade, e de que maneira um beijo desta podia ter tal influência? Embora o Espiritismo já nos tenha dado a chave de muitas coisas, ainda não disse a última palavra; no caso de que se trata, a última hipótese nada tinha de positivamente absurda. Confessamos que, inicialmente, nós nos inclinávamos para este lado, não vendo no fato o caráter da verdadeira alucinação. Algumas palavras dos Espíritos vieram derrubar a nossa suposição. Eis a explicação, muito simples e muito lógica, dada por São Luís, na sessão da Sociedade, em 19 de abril de 1861.

P. – O fato que acaba de ser relatado parece muito autêntico. A propósito, gostaríamos de obter algumas explicações. Primeiramente poderíeis dizer quem é essa mulher que apareceu à menina e disse ser a cólera?

*Resp.* – Não era a cólera; um flagelo material não reveste a aparência humana. Era o Espírito familiar da menina, que assim experimentava sua fé, fazendo coincidir esta prova com o fim do flagelo. Essa prova era salutar à criança que a sofria; idealizando-as, fortalecia as virtudes em germes nesse ser protegido e abençoado. As naturezas de escol, as que, vindo ao mundo, trazem a lembrança dos bens adquiridos, muitas vezes recebem essas advertências, que seriam perigosas para uma alma não depurada e não preparada, pelas migrações anteriores, aos grandes devotamentos do amor e da fé.

P. – O Espírito familiar dessa jovem tinha bastante poder para prever o futuro e o fim do flagelo?

*Resp.* – Os Espíritos são os instrumentos da vontade divina e, muitas vezes, elevados à altura dos mensageiros celestes.

P. – Os Espíritos não têm nenhuma ação sobre os flagelos, como agentes produtores?

*Resp.* – Eles não têm absolutamente nada com isto, assim como as árvores com o vento e os efeitos com as causas.

Na previsão de respostas conformes ao nosso primeiro pensamento, tínhamos preparado uma séria de perguntas que, em consequência, se tornaram inúteis. Isto prova uma vez mais que os médiuns não são o reflexo do pensamento de quem interroga. Não obstante, devemos dizer que a respeito não tínhamos nenhuma opinião prévia. Em falta de outra melhor, inclinávamos para a que havíamos emitido, porque não nos parecia impossível. Contudo, sendo mais simples e mais racional a explicação dada pelo Espírito, nós a julgamos infinitamente preferível.

Aliás, pode-se tirar do fato uma outra instrução. O que aconteceu àquela mocinha deve ter-se produzido em outras circunstâncias e, mesmo na Antigüidade, desde que os fenômenos espíritas são de todos os tempos. Não seria uma das causas que levaram os Antigos a personificar e a ver em cada coisa um gênio particular? Não pensamos que seja preciso buscar-lhe a causa apenas no gênio poético, uma vez que se vêem essas idéias em povos menos avançados.

Suponhamos que um fato semelhante a esse que relatamos se tivesse produzido num povo supersticioso e bárbaro; não era preciso mais para acreditar na idéia de uma divindade malfazeja, que não se podia apaziguar senão lhe sacrificando vítimas. Como já dissemos, todos os deuses do paganismo não têm

outra origem senão as manifestações espíritas. O Cristianismo veio derrubar os seus altares, mas ao Espiritismo estava reservado dar a conhecer a sua verdadeira natureza e lançar a luz sobre os fenômenos desnaturados pela superstição, ou explorados pela cupidez.

## Fenômenos de Transporte

Esse fenômeno é, sem contradita, um dos mais extraordinários entre os apresentados pelas manifestações espíritas e, também, um dos mais raros. Consiste no transporte espontâneo de um objeto que não existe no local em que nos encontramos. Nós já o conhecíamos há muito tempo, por ouvir dizer; mas como há pouco nos foi dado testemunhá-lo, podemos agora dele falar com conhecimento de causa. Digamos, primeiramente, que é um dos que mais se prestam à imitação; em consequência, faz-se necessário que nos guardemos contra a trapaça. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação, no caso de experiências desse gênero; mas, sem se haver com gente do ofício, poder-se-ia facilmente ser enganado por uma hábil manobra. A melhor de todas as garantias está no *caráter, na honorabilidade notória, no desinteresse absoluto* da pessoa que obtém semelhantes efeitos; em segundo lugar, no exame atento de todas as circunstâncias em que se produzem os fatos; enfim, no conhecimento esclarecido do Espiritismo, único que pode fazer descobrir o que seria suspeito.

Dissemos que o fenômeno é um dos mais raros e, menos que os outros, talvez não se produza à vontade e no momento certo. Algumas vezes, embora raramente, pode ser provocado; mas na maioria das vezes é espontâneo. Portanto, quem quer que se vanglorie de obtê-lo à vontade e à hora marcada pode, sem temor, ser tachado de ignorante e suspeito de fraude, principalmente se nele se misturar o menor motivo de interesse material. Um médium que tirasse um proveito qualquer de sua

faculdade pode realmente ser médium; mas como essa faculdade está sujeita a intermitências, e os fenômenos dependem exclusivamente da vontade dos Espíritos, que não se submetem ao nosso capricho, resulta que o médium interessado, para não se atrapalhar ou para produzir mais efeito, conforme as circunstâncias, chama a astúcia em seu auxílio, porque, para ele, é preciso que o Espírito aja de qualquer maneira; caso contrário este é substituído pela esperteza do médium, que por vezes se oculta sob os mais simples disfarces.

Feitas estas reflexões preliminares, que tiveram por fim pôr em guarda os observadores, vamos voltar ao nosso assunto. Mas, antes de falar do que nos concerne, julgamos dever relatar a carta seguinte, que nos foi enviada de Orléans, a 14 de fevereiro último.

“Senhor,

“É um espírita convicto que vos escreve esta carta. Os fatos que ela relata são raros; devem servir ao bem de todos e já levaram a convicção a várias pessoas que nos cercam e que os testemunharam.

“O primeiro fato passou-se em 1º de janeiro de 1861. Uma de minhas parentas, que possui em supremo grau a faculdade mediúnica e que a ignorava completamente antes que eu lhe tivesse falado do Espiritismo, via algumas vezes sua mãe, mas tomava o fato como uma alucinação e tratava de a evitar. No dia 1º de janeiro último, por volta das três horas da tarde, viu-a novamente. O sobressalto que ela e o marido experimentaram, embora este nada visse, impediu-a de se dar conta de seus movimentos. Alguns minutos depois, entrando novamente nesse aposento, seu marido viu sobre a mesa um anel, que a esposa reconheceu perfeitamente como sendo o anel da mãe dela, que a própria filha havia posto no dedo da genitora quando da morte desta última. Alguns dias mais



tarde, como aquela senhora sofresse de uma sufocação, a que era sujeita, aconselhei a seu marido que a magnetizasse, o que ele fez; ao cabo de três minutos, ela adormeceu profundamente e a lucidez foi perfeita. Então ela disse ao marido que sua mãe lhe havia trazido o anel para lhe provar que está com eles e que vela por eles. Seu marido lhe pergunta se ela vê a filha morta há oito anos, com dois anos de idade, e se esta lhe pode trazer uma lembrança. A sonâmbula responde que ela está lá, assim como a mãe de seu marido; que no dia seguinte lhe trará uma rosa e que ele a encontrará sobre a escrivaninha. O fato realizou-se; a rosa murcha estava acompanhada de um papel, sobre o qual estavam escritas estas palavras: *A meu querido papai. Laura.* Dois dias depois, sono magnético; o marido pergunta se poderia receber cabelos de sua própria mãe. Seu desejo é executado no mesmo instante: os cabelos estão sobre a lareira. Depois, duas cartas foram escritas espontaneamente pelas duas mães.

“Chego a fatos que se passaram em minha casa. Após um estudo sério de vossas obras sobre o Espiritismo, veio-me a fé, sem que tivesse visto um único fato. *O Livro dos Médiuns* me havia incitado a tentar escrever, mas sem nenhum resultado. Persuadido de que nada obteria sem a presença da pessoa da qual falei acima, pedi-lhe que viesse a Orléans, assim como o marido. Segunda-feira, 11 de fevereiro, às 10 horas da noite, sono magnético e êxtase; ela vê junto de si e de nós os Espíritos que a acompanham e tinham prometido acompanhá-la. Pergunto se eu seria médium escrevente; ela responde: ‘Sim, dentro de 15 dias’; acrescenta que no dia seguinte escreverá por intermédio de sua mãe para convencer um de meus amigos, rogando-me que o traga comigo. No dia seguinte, 12, às 8 horas da manhã, sono; perguntamos se lhe devemos dar um lápis: ‘Não’, disse ela; minha mãe está perto de ti e escreve; sua carta está sobre a lareira. Vou até lá e encontro um papel dobrado, contendo estas palavras: *‘Crede e orai; estou convosco. Isto é para vos convencer.’* Disse-me ainda que nessa noite eu poderia tentar escrever, com sua mão posta sobre a minha. Eu não ousava esperar

tal resultado; entretanto, escrevi estas palavras: *‘Crede; vou voltar; não esqueçais o magnetismo; não demoreis muito tempo.’* Minha parenta devia partir no dia seguinte. À noite escrevemos isto: *‘A ciência espírita não é uma brincadeira; é verdadeira; o magnetismo pode conduzir a ela. Orai e invocai aqueles que o coração vos disser. Não fiquéis mais por muito tempo. Catherine.’* Era o nome de sua mãe.

“Ordenaram-me várias vezes que vos escrevesse estes fatos; fui até censurado por não havê-lo feito antes; aliás, ela me disse que poderíeis ter a prova do que vos digo, e que sua própria mãe iria vos confirmar os fatos, se a chamásseis. Recebei, etc.”

Esta carta relata dois fenômenos notáveis: o dos transportes e o da escrita direta. A propósito, faremos uma observação essencial: é que, quando o marido e a mulher obtiveram os primeiros resultados, estavam sós, preocupados com o que lhes pudesse acontecer e não tinham o menor interesse em se enganarem mutuamente. Em segundo lugar, o transporte do anel, que havia sido enterrado com a mãe, é um fato positivo que não podia ser resultado de uma trapaça, pois não se brinca com essas coisas.

Vários fatos da mesma natureza nos foram relatados por pessoas que gozam da nossa inteira confiança, e que se passaram em circunstâncias também autênticas; mas eis um de que fomos duas vezes testemunha ocular, assim como vários membros da Sociedade.

A Srta. V. B..., jovem de 16 ou 17 anos, é excelente médium escrevente e ao mesmo tempo sonâmbula muito clarividente. Durante o sono ela vê principalmente o Espírito de um de seus primos, que por diversas vezes já lhe havia trazido diferentes objetos, entre os quais anéis, bombons em grande quantidade e flores. É sempre necessário que ela esteja adormecida cerca de duas horas antes da produção do fenômeno. A primeira

vez que assistimos a uma manifestação do gênero, houve o transporte de um anel que lhe foi colocado na mão. Para nós, que conhecíamos a jovem e seus pais, gente muito honesta, não havia nenhum motivo de dúvida. No entanto, confessamos que, para os estranhos, a maneira pela qual isto se passou era pouco concludente. O mesmo não ocorreu na outra sessão. Após duas horas de sono prévio, durante as quais a jovem sonâmbula ocupou-se de coisas muito interessantes, conquanto estranhas ao nosso objetivo, o Espírito apareceu-lhe com um ramo de flores, visível apenas para ela. Não foi senão após muito tempo, estimulado por ardente desejo e provocado por incessantes pedidos, que o Espírito fez cair a seus pés um ramo de açafior. A moça não se deu por satisfeita; o Espírito tinha ainda algo que ela queria; novas súplicas durante cerca de meia hora, depois do que um maço de violetas, envolvidas por musgo, apareceu no soalho. Algum tempo depois um bombom, grande como um punho, caiu ao seu lado; pelo gosto reconheceram tratar-se de conserva de abacaxi, que parecia ter sido amassada nas mãos.

Tudo isto durou cerca de uma hora e, durante esse tempo, a sonâmbula esteve constantemente isolada de todos os assistentes; seu próprio magnetizador manteve-se a grande distância. Nós estávamos colocados de maneira a não perder de vista um único movimento, e declaramos sinceramente que não houve a menor coisa suspeita. Nessa sessão o Espírito, que se chama Léon, prometeu vir à Sociedade para dar as explicações que lhe fossem pedidas.

Evocamo-lo na sessão da Sociedade, de 1<sup>o</sup> de março, simultaneamente com o Espírito da Sra. Catherine, que se havia manifestado em Orléans. Eis a conversa que se seguiu:

1. Evocação da Sra. Catherine.

*Resp.* – Estou presente e pronta a responder.

2. Dissestes à vossa filha e à vossa parenta de Orléans que viríeis confirmar aqui os fenômenos que elas testemunharam. Ficaremos muito contentes se recebermos vossas explicações a respeito. A princípio, eu perguntaria com que objetivo insististes tanto para que me escrevessem relatando esses fatos?

*Resp.* – O que eu disse, estou pronta a fazê-lo, pois a vós é que mais se deve instruir. Eu havia dito a meus filhos que vos comunicassem essas provas, tendo em vista a propagação do Espiritismo.

3. Há poucos dias fui testemunha de fatos análogos e vou pedir ao Espírito que os produziu a gentileza de vir. Tendo podido observar todas as fases do fenômeno, espero dirigir-lhe várias perguntas. Peço que vos unais a ele para completar as respostas, caso necessário.

*Resp.* – Farei o que me pedis; com os dois haverá mais clareza e precisão.

4. Evocação de Léon.

*Resp.* – Eis-me pronto a cumprir a promessa que vos fiz, senhor.

*Observação* – Muito freqüentemente os Espíritos se eximem de nossas fórmulas de polidez. Este oferece a particularidade de servir-se sempre da palavra senhor, toda vez que o evocamos.

5. Peço nos digais por que esses fenômenos só se produzem durante o sono magnético do médium?

*Resp.* – Isto se deve à natureza do médium. Os fatos que produzo, quando o meu está adormecido, poderiam igualmente produzir-se em estado de vigília.

6. Por que fazeis esperar tanto tempo o transporte de objetos e por que excitais a cobiça do médium, exasperando seu desejo de obter o objeto prometido?

*Resp.* – Esse tempo é-me necessário para preparar os fluidos que servem ao transporte. Quanto à excitação, é apenas para divertir os presentes e a sonâmbula.

7. Eu tinha pensado que a excitação poderia produzir mais abundante emissão de fluidos da parte do médium e facilitar a combinação necessária.

*Resp.* – Vós vos enganastes, senhor; os fluidos que nos são necessários não pertencem ao médium, mas ao Espírito e, em certos casos, pode-se mesmo prescindir-se deles, e o transporte ocorrer imediatamente.

8. A produção do fenômeno se deve à natureza especial do médium? Poderia dar-se por outros médiuns com mais facilidade e presteza?

*Resp.* – A produção se deve à natureza do médium e só pode realizar-se com outros de natureza correspondente. Quanto à prontidão, o hábito que adquirimos, correspondendo muitas vezes com o mesmo médium, nos é de grande valia.

9. A natureza do médium deve corresponder à natureza do fato ou à do Espírito?

*Resp.* – Faz-se mister que corresponda à natureza do fato, e não à do Espírito.

10. A influência das pessoas presentes tem algum significado?

*Resp.* – Quando há incredulidade e oposição, podem prejudicar bastante. Preferimos fazer nossas provas com crentes e pessoas versadas no Espiritismo, mas com isso não queremos dizer que a má vontade possa paralisar-nos completamente.

11. Aqui só há crentes e pessoas muito simpáticas. Há algum empecilho em que o fato ocorra?

*Resp.* – Sim: aquele para o qual não estou preparado nem disposto.

12. Estaríeis num outro dia?

*Resp.* – Sim.

13. Poderíeis fixá-lo?

*Resp.* – Um dia em que nada me pedirdes eu virei de improviso surpreender-vos com um bonito ramo de flores.

14. Talvez haja pessoas que preferissem bombons.

*Resp.* – Se há gastrônomos, também podem ser contentados. Creio que as mulheres, que não desdenham das flores, gostarão ainda mais dos bombons.

15. A Srta. V. B. precisará ficar em estado sonambúlico?

*Resp.* – Farei o transporte com ela desperta.

16. Onde pegastes as flores e os bombons que transportastes?

*Resp.* – As flores eu as colho nos jardins, onde me agradam.

17. Mas, e os bombons? O comerciante não lhes nota a falta?

*Resp.* – Eu os pego onde me apraz. O comerciante nada percebe, porque ponho outros no lugar.

18. Mas os anéis têm um valor. Onde os pegastes? Isto não prejudica àqueles de quem os tirastes?

*Resp.* – Tirei-os de lugares de todos desconhecidos, e de modo que ninguém possa sofrer qualquer prejuízo.

19. É possível trazer flores de outro planeta?

*Resp.* – Não; a mim não é possível.

20. Outros Espíritos o poderiam?

*Resp.* – Sim; há Espíritos mais elevados do que eu que podem fazê-lo; quanto a mim, não posso encarregar-me disto. Contentai-vos com o que vos trago.

21. Poderíeis trazer flores de um outro hemisfério, dos trópicos, por exemplo?

*Resp.* – Desde que sejam da Terra, posso.

22. Como introduzistes esses objetos outro dia, já que a sala estava fechada?

*Resp.* – Fi-los entrar comigo, por assim dizer envoltos em minha substância. Quanto a vos falar mais longamente, isto não é explicável.

23. [*À Sra. Catherine*] – Considerando-se que o anel que trouxestes à vossa filha estava enterrado convosco, como o obtivestes?

*Resp.* – Retirei-o da terra e o trouxe a minha filha.

24. [*A Léon*] – Como tornastes visíveis esses objetos que, um instante antes, eram invisíveis?

*Resp.* – Tirei a matéria que os envolvia.

25. Poderíeis fazer desaparecer esses objetos que transportastes e os transportar novamente?

*Resp.* – Assim como os trouxe, posso levá-los à vontade.

26. Ontem... (o Espírito retifica escrevendo: *quarta-feira*.) Exatamente; quarta-feira o médium vos viu tomar uma tesoura e cortar flores de laranjeira no ramalhete que está em seu quarto. Realmente tiveste necessidade de um instrumento cortante para isso?

*Resp.* – Absolutamente; eu não tinha tesoura, mas me fiz ver assim para que ficassem bem certos de que era eu quem as tirava.

27. Mas o buquê estava sob um globo de vidro?

*Resp.* – Oh! eu bem podia tirar o globo.

28. Tiraste o globo?

*Resp.* – Não.

29. Não compreendemos como isto pode acontecer. Credes que um dia chegaremos a ter a explicação desse fenômeno?

*Resp.* – Em pouco tempo mesmo; não apenas o cremos: temos certeza.

30. Quem acaba de responder? Léon ou a Sra. Catherine?

*Resp.* – Nós dois.

31. A produção do fenômeno dos transportes vos causa alguma aflição, um embaraço qualquer?

*Resp.* – Não nos causa nenhuma dificuldade, quando temos permissão, mas poderiam causar, e grandes, se quiséssemos produzir efeitos sem que, para isto, estivéssemos autorizados.

32. Quais as dificuldades que encontrais?

*Resp.* – Nenhuma outra senão as más disposições fluídicas que nos podem ser contrárias.

33. Como trazeis o objeto? Segurais com as mãos?

*Resp.* – Não; nós o envolvemos em nós.

34. Traríeis com a mesma facilidade um objeto de peso considerável, de 50 quilos, por exemplo?

*Resp.* – O peso nada representa para nós; trazemos flores porque isto talvez seja mais agradável do que um peso volumoso.

35. Por vezes há desaparecimento de objetos cuja causa é ignorada e que se poderia atribuir aos Espíritos?

*Resp.* – Isto acontece freqüentemente; muito mais do que pensais. Tal ocorrência poderia ser remediada se pedíssemos ao Espírito para restituir o objeto desaparecido.



36. Há efeitos que são considerados como fenômenos naturais e que sejam devidos à ação de certos Espíritos?

*Resp.* – Vossos dias estão repletos de fatos que não compreendeis, porque não pensastes neles, mas que um pouco de reflexão vos faria ver claramente.

37. Entre os objetos transportados, não se encontram alguns que podem ser fabricados pelos Espíritos, isto é, produzidos espontaneamente pelas modificações que estes imprimem ao fluido ou ao elemento universal?

*Resp.* – Não por mim, pois para isso não tenho permissão; só um Espírito elevado o pode.

38. Um objeto feito de tal maneira poderia ter estabilidade e tornar-se um objeto de uso? Se um Espírito me fizesse uma tabaqueira, por exemplo, poderia servir-me dela?

*Resp.* – Poderia ter, se o Espírito o quisesse. Mas, também, poderia ser apenas para a vista e desvanecer-se ao cabo de algumas horas.

*Observação* – Pode-se classificar na categoria dos fenômenos de transporte os que se passaram na Rua des Noyers e que relatamos na *Revista* do mês de agosto de 1860, com a diferença de que, neste último caso, são produzidos por um Espírito malévolos, que apenas deseja causar perturbação, enquanto nos fenômenos aqui tratados são Espíritos benevolentes que procuram ser agradáveis e testemunhar simpatia.

*Nota* – Sobre a teoria da formação espontânea dos objetos, vide *O Livro dos Médiuns*, capítulo intitulado *Laboratório do Mundo Invisível*.

## Conversas Familiares de Além-Túmulo

O DR. GLAS

Nascido em Lyon, morto em 21 de fevereiro de 1861  
com 35 anos e meio de idade

(SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS, 5 DE ABRIL DE 1861)

O Sr. Glas era um espírita fervoroso. Sucumbiu a uma longa e dolorosa enfermidade, cujos sofrimentos só eram atenuados pela esperança que dá o Espiritismo. Sua vida laboriosa e acidentada por preocupações amargas, e um acidente, inicialmente desconhecido, abreviaram-lhe a existência. Foi evocado a pedido de seu pai.

1. Evocação.

*Resp.* – Eis-me aqui.

2. Ficaríamos muito contentes de nos entreter convosco, inicialmente para condescender ao desejo do senhor vosso pai e de vossa esposa e, depois, porque, considerando o estado dos vossos conhecimentos, esperamos deles aproveitar-nos.

*Resp.* – Desejo que esta comunicação seja, para os que me pranteiam, uma consolação, e para vós, que me evocais, um objeto de estudos instrutivos.

3. Parece que sucumbistes a uma moléstia cruel. Poderíeis dar-nos algumas explicações sobre a sua natureza e a sua causa?

*Resp.* – Hoje vejo claramente que minha doença era toda moral e terminou por me extinguir dolorosamente o corpo. Quanto a me estender longamente sobre os meus sofrimentos, ainda os tenho bem presentes para não os recordar. Um trabalho obstinado, aliado a uma contínua agitação do cérebro, foi a verdadeira fonte do meu mal.

*Observação* – Esta resposta é confirmada pela seguinte passagem da carta de seu pai: “Sua vida laboriosa e acidentada por preocupações amargas, e um acidente, inicialmente desconhecido, abreviaram sua existência.” Esta carta não tinha sido lida antes da evocação, e nem o médium nem os assistentes conheciam o fato.

4. Também parece que vossas crenças vos auxiliaram a suportar o sofrimento com coragem, pelo que vos felicitamos.

*Resp.* – Eu tinha em mim a consciência de uma vida melhor; isto diz tudo.

5. Essas crenças contribuíram para apressar o vosso desprendimento?

*Resp.* – Infinitamente, uma vez que as idéias espiritualistas que se podem ter sobre a vida são, por assim dizer, indulgências plenárias que afastam de vós, após a morte, toda influência terrestre.

6. Poderíeis descrever-nos o mais exatamente possível a natureza da perturbação que experimentastes, sua duração e as sensações quando vos reconhecestes?

*Resp.* – Quando morri, eu tinha perfeito conhecimento de mim mesmo e entrevia com calma o que muitos outros temem com tanto pavor. Meu trespasse foi rápido e a consciência de mim mesmo não mudou. Ignoro quanto tempo durou a perturbação, mas, quando despertei, realmente estava morto.

7. No momento em que vos reconhecestes, achastes-vos isolado?

*Resp.* – Sim; aliás, pelo coração, ainda estava ligado à Terra; não vi imediatamente Espíritos à minha volta; somente pouco a pouco.

8. Que pensais dos confrades que buscam, por meio da Ciência, provar aos homens que neles não há senão matéria e que somente o nada os aguarda?

*Resp.* – Orgulho! Quando estiverem perto da morte, talvez se calem; é o que lhes desejo. Ah! como dizia Lamennais há pouco, existem duas ciências, a do bem e a do mal. Eles têm a ciência que vem dos homens: a do mal.

*Observação* – O Espírito faz alusão a uma comunicação que Lamennais acabara de dar momentos antes, prova de que não esperara a evocação para comparecer à sessão.

9. Estais freqüentemente junto de vossa esposa, do vosso filho e do vosso pai?

*Resp.* – Quase constantemente.

10. O sentimento que experimentais ao vê-los é diferente do que sentíeis em vida, quando estáveis junto deles?

*Resp.* – A morte dá aos sentimentos, como às idéias, uma visão larga, mais cheia de esperança, que o homem não pode apreender na Terra. Eu os amo, mas gostaria de tê-los junto a mim. É, sobretudo, em vista das esperanças futuras que o Espírito deve ter coragem e sangue-frio.

11. Estando aqui, podeis vê-los em casa sem vos perturbar?

*Resp.* – Oh! perfeitamente.

*Observação* – Um Espírito inferior não o poderia; somente os que têm certa elevação podem ver simultaneamente de pontos diferentes. Os outros ainda estão muito terra-a-terra.

Lendo esta resposta, certas pessoas dirão, sem dúvida, que era uma boa ocasião de controle; que se deveria ter perguntado ao Espírito o que faziam os seus parentes nesse momento e verificar se era exato. Com que objetivo o teríamos feito? Para nos asseguramos de que era realmente um Espírito que nos falava. Mas, então, se não era um Espírito, o médium nos enganava. Ora, há muitos anos esse médium presta o seu concurso à Sociedade e jamais tivemos ocasião de suspeitar de sua boa-fé.

Se o tivéssemos feito, como prova de identidade, não nos teria valido grande coisa, porque um Espírito enganador teria podido sabê-lo tanto quanto o Espírito verdadeiro. Assim, essa questão teria entrado na categoria das perguntas de curiosidade e de prova, que os Espíritos sérios desprezam e às quais jamais respondem. Como fato, sabemos por experiência que isto é possível; mas sabemos, igualmente, que quando um Espírito quer entrar em certos detalhes, ele o faz espontaneamente, se o julgar útil, e não para satisfazer a um capricho.

12. Fazeis distinção entre o vosso Espírito e o vosso perispírito? Qual a diferença que estabeleceis entre as duas coisas?

*Resp.* – Penso, logo sinto e tenho uma alma, como disse um filósofo. Não sei mais que ele a respeito. Quanto ao perispírito, é uma forma, como sabeis fluídica e natural; mas buscar a alma é querer buscar o absoluto espiritual.

13. Credes que a faculdade de pensar resida no perispírito? Numa palavra, que a alma e o perispírito sejam uma só e mesma coisa?

*Resp.* – É absolutamente como se perguntásseis se o pensamento reside no vosso corpo. Um se vê; o outro se sente e se concebe.

14. Assim, não sois um ser vago e indefinido, mas um ser limitado e circunscrito?

*Resp.* – Limitado, sim; mas rápido como o pensamento.

15. Quereis indicar o lugar onde estais aqui?

*Resp.* – À vossa esquerda e à direita do médium.

*Nota* – O Sr. Allan Kardec estava no mesmo lugar indicado pelo Espírito.

16. Fostes obrigado a deixar o vosso lugar para mo ceder?

*Resp.* – Absolutamente: nós passamos através de tudo, como tudo passa através de nós; é o corpo espiritual.

17. Assim, estou mergulhado em vós?

*Resp.* – Sim.

18. Por que não vos sinto?

*Resp.* – Porque os fluidos que compõem o perispírito são muito etéreos, não suficientemente materiais para vós; mas, pela prece, pela vontade, numa palavra, pela fé, os fluidos podem tornar-se mais ponderáveis, mais materiais, e mesmo afetar o tato, o que acontece nas manifestações físicas e é a conclusão deste mistério.

*Observação* – Suponhamos um raio luminoso penetrando num local escuro; pode-se atravessá-lo, nele mergulhar, sem lhe alterar a forma nem a natureza. Embora esse raio seja uma espécie de matéria, é tão sutil que não oferece nenhum obstáculo à passagem da matéria mais compacta. Dá-se o mesmo com a coluna de fumaça ou de vapor que, igualmente, pode ser atravessada sem dificuldade. Somente o vapor, por ter mais densidade, produzirá no corpo uma impressão que não produz a luz.

19. Suponhamos que neste momento pudésseis tornar-vos visível aos olhos da assembléia. Que efeitos produziriam nossos dois corpos, um dentro do outro?

*Resp.* – O efeito que vós mesmos imaginais, naturalmente; todo o vosso lado esquerdo seria menos visível que o direito; estaria num nevoeiro, no vapor do perispírito; o mesmo ocorreria do lado direito do médium.

20. Suponhamos agora que vos pudésseis tornar não apenas visível, mas tangível, como já aconteceu algumas vezes. Isto poderia acontecer, conservando a situação em que estamos?

*Resp.* – Forçosamente eu me mudaria pouco a pouco de lugar; eu me construiria ao vosso lado.

21. Há pouco, quando falei somente da visibilidade, dissestes que estaríeis entre mim e o médium, o que indica que teríeis mudado de lugar. Agora, para a tangibilidade, parece que vos afastais ainda mais. Não seria possível tomardes as duas aparências, conservando nossa posição inicial, eu ficando mergulhado em vós?

*Resp.* – Não, absolutamente, já que respondo à pergunta. Eu me reconstruiria ao lado. Não me posso solidificar naquela posição; só posso aí ficar se permanecer fluídico.

*Observação* – Dessa explicação ressalta grave ensinamento. No estado normal, isto é, fluídico e invisível, o perispírito é perfeitamente penetrável à matéria sólida; já no estado de visibilidade há um começo de condensação que o torna menos penetrável, enquanto no estado de tangibilidade a condensação é completa e a penetrabilidade não pode mais ocorrer.

22. Credes que um dia a Ciência chegue a submeter o perispírito à apreciação dos instrumentos, como o faz com os outros fluidos?

*Resp.* – Perfeitamente. Não conheceis ainda senão a superfície da matéria; mas a sutileza, a essência da matéria, só conhecereis pouco a pouco. A eletricidade e o magnetismo são caminhos certos.

23. Com que outro fluido conhecido o perispírito tem mais analogia?

*Resp.* – Com a luz, a eletricidade e o oxigênio.

24. Há aqui uma pessoa que julga ter sido vosso camarada de colégio; não a reconheceis?

*Resp.* – Não a vejo; não me lembro.

25. É o Sr. Lucien B..., de Montbrison, que esteve convosco no colégio de Lyon.

*Resp.* – Eu jamais teria pensado em vos encontrar assim. Estudei intensamente na Terra, mas vos asseguro que meus

estudos, como Espírito, são ainda mais sérios. Mil vezes obrigado, por vossa lembrança.

## Questões e Problemas Diversos<sup>18</sup>

O Sr. Jobard, de Bruxelas, nos dirige a seguinte carta, assim como as respostas obtidas às diversas perguntas.

“Meu caro Presidente,

“Estando Bruxelas tão longe de Paris quanto a Lua do Sol, os raios do Espiritismo ainda não a aqueceram. Todavia o Sr. Nicolas B..., tendo-me consagrado dois dias, deu notícia de um médium escrevente de primeira ordem, que nos surpreende diariamente, tanto mais quanto ele mesmo está admirado dos magníficos ditados que lhe são feitos pelo Espírito Tertuliano, o qual deseja que ele escreva um livro explicativo do quadro da criação dos mundos, a partir do caos até Deus. Eu o li ontem ao grande pintor Wiertz, que o compreendeu e quer consagrar-lhe uma página de 100 pés. Não ousou enviar-vos esses sublimes ditados antes que vos tenhais assegurado da identidade da personagem. Junto apenas dois ou três fragmentos que acabo de extrair dos rascunhos mediúnicos que conservo preciosamente.

“Nós chamamos *Cabanis* o materialista, que é tão infeliz quanto o vosso ateu e todos os outros quebradores de lápis. Chamai, pois, a *Henri Mondeux*, para saber a longa fieira de matemáticos que ele deve ter habitado. Todo o mundo quer que se descubra Jud, o assassino do Sr. Poinot. A rendição de Gaëte nos foi anunciada com oito dias de antecedência. Tenho também a ordem de escrever um livro, mas não sei por onde começar, não sendo nem me podendo tornar um médium escritor, sob o pretexto de que não é mais necessário. Vosso discurso de Lyon é

18 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 567.



admirável; eu os fiz ler aos humanimais mais avançados de nossa Lua. Não há muitos aqui, infelizmente. Quando me irei aquecer ao vosso sol? Adeus, caro mestre.”

*Jobard*

P. Os magos, os sábios, os grandes filósofos e os profetas antigos não eram médiuns?

*Resp.* – Evidentemente, sim. O laço que os unia às inteligências superiores agia sobre eles e lhes inspirava novos pensamentos, sem falar de sua própria superioridade, que lhes permitia emitirem apreciações mais exatas. Eles comunicavam aos Espíritos encarnados idéias que pareciam profecias, porque estas nada mais são do que comunicações vindas dos grandes Espíritos. E como possuíam uma parte dos atributos divinos, as idéias anunciadas tinham um caráter de adivinhação, e forçosamente se realizaram nos tempos e épocas indicados.

P. A mediunidade é, pois, um favor aos que a possuem?

*Resp.* – O verdadeiro médium, que não faz profissão desse dom sublime, evidentemente deve tornar-se melhor. Como não seria de outro modo, quando a cada instante pode receber impressões tão favoráveis ao seu progresso na senda do bem? As idéias filosóficas que emite, não só por seu próprio Espírito, mas, ainda, e principalmente por nós, são retificadas naquilo que a sua inteligência, muito fraca, poderia compreender mal e mal enunciar.

*Observação* do Sr. Jobard – Destas respostas plenas de justeza segue-se que os bons médiuns se multiplicam, a raça humana melhora e acabará trazendo, num dado tempo, o reino de Deus à Terra.

P. Nas estatísticas do crime nota-se que os operários que trabalham o ferro nela figuram raramente. Terá o ferro alguma influência sobre eles?

*Resp.* – Sim, porque nesse trabalho de transformação da matéria há algo que deve elevar o Espírito menos dotado; uma influência magnética age sobre ele. O ferro é o pai de todos os minerais; é o mais útil ao homem, para ele representando a vida de todos os dias, ao passo que os metais que chamais *ricos* representam, para os Espíritos em baixo estágio, a fonte da satisfação de todas as paixões humanas. São os instrumentos do Espírito do mal.

P. Todos os metais podem transformar-se uns nos outros, como pretendem certos sábios?

*Resp.* – Sim, mas essa transformação só se fará com o tempo.

P. E o diamante?

*Resp.* – É carbono despreendido da fonte que o produziu em estado gasoso e que se cristalizou sob pressões que não podeis apreciar. Mas chega de perguntas; não as posso responder.

*Tertuliano*

*Observação* do Sr. J. – Geralmente os Espíritos se recusam a responder às perguntas que poderiam fazer a fortuna de um homem sem trabalho. Cabe a ele buscar, porque as pesquisas fazem parte das provas que deve sofrer, na *penitenciária* que devemos atravessar. É provável que os Espíritos não saibam mais que nós quanto às descobertas a fazer. Como nós, podem pressenti-las; podem guiar-nos em nossas pesquisas, mas não nos podem evitar o prazer ou o trabalho de pesquisar. Nem por isso é menos agradável, quando julgamos ter uma solução, obter sua aprovação, que podemos considerar como uma confirmação.

*Nota* – Sobre o assunto da observação acima, vide *O Livro dos Espíritos*, nº 532 e seguintes; *O Livro dos Médiuns*, capítulo

*Evocações; Perguntas que se podem fazer aos Espíritos, nº 78 e seguintes.*<sup>19</sup>

*Observação* do Sr. A. K. – A carta do nosso honrado confrade é anterior à publicação do número de março da *Revista*, no qual inserimos um artigo sobre o Sr. Poinot. Quanto a Henri Mondeux, várias explicações foram dadas na Sociedade; as circunstâncias, porém, não permitiram ainda completar sua evocação, razão pela qual ainda não nos manifestamos. A propósito do pedido que nos fez o Sr. Jobard, de nos assegurarmos da identidade do Espírito que se comunicou sob o nome de Tertuliano, já lhe respondemos em tempo o que a respeito dissemos em nosso *O Livro dos Médiuns*. Não poderia haver materiais de identidade do Espírito de personagens antigas. Sobretudo quando se trata de um ensinamento superior, o mais das vezes o nome é apenas um meio de fixar as idéias, considerando-se que entre os Espíritos que nos vêm instruir, o número dos desconhecidos na Terra é incontestavelmente maior. O nome é, antes um sinal de analogia que de identidade, só se lhe devendo ligar uma importância secundária. O que se deve considerar, antes de tudo, é a bondade e a racionalidade do ensino. Se em nada desmentir o caráter do Espírito cujo nome toma, se estiver à sua altura, é o essencial. Se for inferior, a origem deve ser suspeita, porque um Espírito pode fazer melhor, mas não pior do que quando vivo, desde que pode ganhar, mas não perder o que havia adquirido. Consideradas sob esse ponto de vista, as respostas seguintes nos parecem imputáveis a Tertuliano, donde concluímos que pode ser ele, sem o poder afirmar, ou um Espírito de sua categoria, que tomou esse nome para indicar a posição que ocupa.

<sup>19</sup> **N. do T.:** Provável cochilo de revisão. Em vez do item 78 e seguintes, de *O Livro dos Médiuns*, considerar os itens 291 (Perguntas sobre os interesses morais e materiais); 294 (Perguntas sobre as intervenções e descobertas); e 295 (Perguntas sobre tesouros ocultos) do livro citado. [O item 78 se refere ao fenômeno da suspensão das mesas – Segunda parte, capítulo IV: Teoria das manifestações físicas].

As perguntas e respostas seguintes nos foram endereçadas por um de nossos correspondentes de São Petersburgo.

1. Eu queria me dar conta de qual pode ser o destino da *beleza* no Universo; não será um escolho que serve às provas?

*Resp.* – Crê-se em tudo que se espera; espera-se tudo o que se ama; ama-se tudo o que é belo. Portanto, a beleza contribui para fortalecer a fé. Se, muitas vezes, ela se torna uma tentação, não é por causa da beleza em si, um dos atributos das obras de Deus, mas por causa das paixões que, semelhantes às Harpias, murcham tudo o que tocam.

2. E que dirás do amor?

*Resp.* – É um bem de Deus, quando germina e se desenvolve num coração não corrompido, casto e puro; é uma calamidade, quando as paixões a ele se misturam. Tanto eleva e depura no primeiro caso, quanto perturba e agita no segundo. É sempre a mesma lei admirável do Eterno: beleza, amor, memória de uma outra existência, talentos que trazeis ao nascer. Todos os dons do Criador podem tornar-se venenos ao sopro excitante das paixões, que o livre-arbítrio pode conter ou desenvolver.

3. Rogo a um Espírito bom a gentileza de esclarecer-me quanto às perguntas que lhe vou submeter, a propósito dos fatos relatados às páginas 223 e seguintes de *O Livro dos Médiuns*, sobre a transfiguração<sup>20</sup>.

*Resp.* – Pergunta.

4. Se, no aumento de volume e peso da mocinha das cercanias de Saint-Étienne, o fenômeno se produzia pelo adensamento de seu perispírito, combinado com o de seu irmão,

20 N. do T.: Livro citado, segunda parte, capítulo VII: Bicorporeidade e transfiguração.

como é que os olhos dela, que deviam ter ficado no mesmo lugar, podiam ver através da espessa camada de um novo corpo que se formava diante deles?

*Resp.* – Como vêem os sonâmbulos com as pálpebras fechadas: pelos olhos da alma.

5. No fenômeno citado o corpo aumentou. No fim do capítulo VIII<sup>21</sup> está dito ser provável que se a transfiguração tivesse ocorrido sob o aspecto de uma criancinha, o peso teria diminuído proporcionalmente. Não posso me dar conta, conforme a teoria da irradiação e da transfiguração do perispírito, de que este possa tornar-se menor que um corpo sólido. Parece-me que o último deveria ultrapassar os dois perispíritos combinados.

*Resp.* – Como o corpo pode tornar-se invisível pela vontade de um Espírito superior, o da mocinha também se torna invisível, pela força de um poder independente de sua vontade. Ao mesmo tempo, combinando-se com o do menino, seu perispírito pode formar e realmente forma a imagem dessa criança. A teoria da mudança do peso específico te é conhecida.

6. Após haver dissipado uma a uma as minhas dúvidas e reafirmado minha fé na sua base, o Espiritismo me deixa uma questão não resolvida; ei-la: Como os Espíritos novos, que Deus cria, e que se destinam a um dia tornar-se Espíritos puros, depois de terem passado pela peneira de uma multidão de existências e de provas, saem tão imperfeitos das mãos do Criador, que é a fonte de toda perfeição, e não se melhoram gradualmente senão se afastando de sua origem?

*Resp.* – Esse é um mistério que o Eterno não nos permite penetrar, antes que nós, Espíritos errantes ou encarnados, tenhamos atingido a perfeição que nos é indicada, graças à bondade divina, perfeição que novamente nos aproximará de nossa origem e fechará o círculo da eternidade.

21 **N. do T.:** Corresponde ao item 124, segunda parte, capítulo VII (O Livro dos Médiuns).

*Observação* – Nosso correspondente não nos diz qual o Espírito que lhe respondeu, mas a sabedoria de suas respostas prova que não é um Espírito vulgar. Eis o essencial, porquanto, como se sabe, o nome pouco importa. Nada temos a dizer quanto às suas primeiras respostas, que concordam em todos os pontos com o que nos foi ensinado, provando que a teoria que demos dos fenômenos espíritas não é produto de nossa imaginação, visto ser dada por outros Espíritos, em tempos e lugares diversos e fora de nossa influência pessoal. Apenas a última resposta não resolve a pergunta feita. Vamos tentar remediá-la. Digamos, primeiramente, que a solução pode ser facilmente deduzida do que está dito, com alguns desenvolvimentos, em *O Livro dos Espíritos*, sobre a *progressão dos Espíritos*, nº 114 e seguintes. Teremos pouca coisa a acrescentar. Os Espíritos saem das mãos do Criador simples e ignorantes, mas nem são bons, nem maus: do contrário, desde a sua origem teria Deus votado uns ao bem e à felicidade, e outros ao mal e à desgraça, o que não estaria nem conforme à sua bondade, nem de acordo com a sua justiça. No momento de sua criação, os Espíritos não são imperfeitos senão do ponto de vista do desenvolvimento intelectual e moral, como a criança ao nascer, como o germe contido na semente da árvore; mas não são maus por natureza. Ao mesmo tempo, neles se desenvolve a razão, o livre-arbítrio, em virtude do qual escolhem, uns o bom caminho, outros o mau, fazendo que uns cheguem ao objetivo mais cedo que outros. Mas todos, sem exceção, devem passar pelas vicissitudes da vida corporal, a fim de adquirir experiência e ter o mérito da luta. Ora, nessa luta uns triunfam, outros sucumbem, conquanto os vencidos possam sempre se erguer e resgatar os seus fracassos.

Esta questão levanta outra, mais grave, que muitas vezes nos tem sido apresentada. É a seguinte: Deus, que tudo sabe, o passado, o presente e o futuro, deve saber que tal Espírito seguirá o mau caminho, sucumbirá e será infeliz. Neste caso, por que o criou?

Ora, por certo sabe Deus perfeitamente a linha que seguirá um Espírito, pois, de outro modo, não teria a ciência soberana. Se o mau caminho no qual se aventura o Espírito devesse fatalmente conduzi-lo a uma *eternidade absoluta* de penas e sofrimentos; se, porque tivesse falido, lhe fosse sempre negado reabilitar-se, a objeção acima teria uma força de lógica incontestável, e talvez aí residisse o mais poderoso argumento contra o dogma dos suplícios eternos. Neste caso, impossível é sair do dilema: ou Deus não conhece a sorte reservada à sua criatura, e então não tem a soberana ciência; ou, se a conhece, Ele a criou para ser eternamente infeliz e, portanto, não tem a soberana bondade. Com a Doutrina Espírita, tudo concorda perfeitamente e não há mais contradição: Deus sabe que um Espírito tomará um mau caminho; conhece todos os perigos de que este se acha semeado, mas sabe, também, que dele sairá, e que não haverá para ele senão um atraso. E, em sua bondade e para lhe facilitar, multiplica em sua rota as advertências salutares, das quais infelizmente nem sempre ele aproveita. É a história de dois viajantes que querem alcançar um belo país, onde viverão felizes; um sabe evitar os obstáculos, as tentações que o fariam parar no caminho; o outro, por imprudência, choca-se contra os mesmos obstáculos, leva quedas que o atrasam, mas chegará por sua vez. Se, no caminho, pessoas caridosas o previnem dos perigos que corre e se, por presunção, não as escuta, mais repreensível será por isso.

O dogma da eternidade absoluta das penas é atacado violentamente por todos os lados, não só pelo ensino dos Espíritos, mas pela simples lógica do bom-senso. Sustentá-lo é desconhecer os atributos mais essenciais da Divindade; é contradizer-se, afirmando de um lado o que se nega do outro; ele cai, e as fileiras de seus partidários se esclarecem dia a dia, de tal sorte que, se é absolutamente necessário nele crer para ser católico, em breve não haverá mais verdadeiros católicos, assim como hoje não os haveria se a Igreja tivesse persistido em fazer artigo de fé do movimento do

Sol e dos seis dias da Criação. Insistir numa tese que a razão repele é desferir um golpe fatal na religião e dar armas ao materialismo; o Espiritismo, ao contrário, vem reavivar o sentimento religioso, que se verga aos golpes aplicados pela incredulidade, dando sobre as questões do futuro uma solução que o mais severo raciocínio pode admitir. Rejeitá-lo é dispensar a tábua de salvação.

## Ensinamentos e Dissertações Espíritas

SRA. DE GIRARDIN

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

*Nota* – Tendo sido feitas algumas observações críticas sobre a comunicação ditada na sessão anterior, dada pela Sra. de Girardin, esta as responde espontaneamente. Faz alusão às circunstâncias que acompanharam aquela comunicação.

“Venho agradecer ao associado que houve por bem apresentar a minha defesa e minha reabilitação moral perante vós. Com efeito, em vida eu amava e respeitava as leis do bom-gosto, que são as da delicadeza – diria mais – do coração, para o sexo a que pertencia; depois de minha morte, permitiu Deus que eu fosse bastante elevada para praticar fácil e simplesmente os deveres da caridade, que nos ligam a todos, Espíritos e homens. Dada esta explicação, não insistirei sobre a comunicação assinada com meu nome, desde que a crítica e a censura não convêm nem a meu médium, nem a mim. Assim, crede que virei quando for evocada, mas jamais me intrometerei nos incidentes fúteis. Eu vos falei das crianças. Deixai-me retomar este assunto, que foi a chaga dolorosa de minha vida. A mulher necessita da dupla coroa do amor e da maternidade, para preencher o mandato de abnegação que Deus lhe confiou, ao lançá-la na Terra. Infelizmente eu jamais conheci



essa doce e suave preocupação, que na alma imprimem esses frágeis depósitos. Quantas vezes segui, com os olhos rasos de lágrimas amargas, as crianças que, brincando, vinham se roçar no meu vestido; e sentia a angústia e a humilhação de minha decadência. Eu tremia, esperava, escutava, e minha vida, cheia dos sucessos do mundo, frutos repletos de cinza, não me deixou senão um gosto amargo e decepcionante.”

*Delphine de Girardin*

*Observação* – Há neste trecho uma lição que não deve passar despercebida. A Sra. de Girardin, fazendo alusão a certas passagens de sua comunicação anterior, que levantara algumas objeções, disse que em vida amava e respeitava as leis do bom-gosto, que são as da delicadeza, e que conservou esse sentimento depois da morte. Repudia, em conseqüência, tudo o que, nas comunicações que levam o seu nome, se afaste do bom-gosto. Após a morte, a alma reflete as qualidades e os defeitos que tinha durante a vida corpórea, salvo os progressos que possa ter feito no bem, porque pode ter-se melhorado, mas jamais se mostra inferior ao que era. Assim, na apreciação das comunicações de um Espírito muitas vezes há matizes de extrema delicadeza a observar, para distinguir o que realmente é dele, ou o que poderia ser uma substituição. Os Espíritos verdadeiramente elevados não se contradizem nunca e podemos corajosamente rejeitar tudo quanto desminta o seu caráter. Muitas vezes esta apreciação é tanto mais difícil quanto a uma comunicação perfeitamente autêntica pode misturar-se um reflexo, seja do próprio Espírito do médium, que não exprime exatamente o pensamento, seja de um Espírito estranho, que se interpõe, insinuando seu próprio pensamento no do médium. Deve-se, pois, considerar como apócrifas as comunicações que, em todos os pontos, e pelo mesmo fundo das idéias, desmintam o caráter do Espírito cujo nome levam. Mas seria injusto lhes condenar o conjunto, por algumas nódoas parciais, que podem ter a causa que acabamos de assinalar.

A PINTURA E A MÚSICA

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. Alfred Didier)

A arte foi definida cem mil vezes: é o belo, o verdadeiro, o bem. A música, que é um dos ramos da arte, pertence inteiramente ao domínio da sensação. Entendamo-nos e tratemos de não ser obscuro. A sensação se produz no homem quando ele compreende a arte de duas maneiras distintas, mas estreitamente ligadas; a sensação do pensamento que tem por conclusão a melancolia ou a filosofia, e, depois, a sensação que pertence por inteiro ao coração. A música, a meu ver, é a arte que vai mais diretamente ao coração. A sensação – havereis de compreender-me – está toda no coração; a pintura, a arquitetura, a escultura, a pintura antes de tudo, atingem muito mais a sensação cerebral. Numa palavra, a música vai do coração ao Espírito, a pintura do pensamento ao coração. A exaltação religiosa criou o órgão. Quando na Terra a poesia toca o órgão, os anjos do céu lhe respondem. Assim, a música séria, religiosa eleva a alma e os pensamentos. A música vulgar faz vibrar os nervos, nada mais. Eu bem gostaria de indicar algumas personalidades, mas não tenho esse direito: não estou mais na Terra. Amai o *Réquiem* de Mozart, que o matou. Não desejo, mais que os Espíritos, a vossa morte pela música, a morte viva, contudo; aí está o esquecimento de tudo quanto é terreno, pela elevação moral.

*Lamennais*

FESTAS DOS ESPÍRITOS BONS

A chegada de um irmão

(Enviada pela Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux)

Também temos nossas festas, e isto acontece com frequência, porque os Espíritos bons da Terra, nossos irmãos bem-amados, despojando-se de seu invólucro material nos estendem os braços e nós vamos, em grupo inumerável, recebê-los à entrada da

morada que, doravante, vão habitar conosco. E nessas festas, como nas vossas, não se agitam as paixões humanas, sob rostos graciosos e frentes coroadas de flores, ocultando a inveja, o orgulho, o ciúme, a vaidade, o desejo de agradar e de primar sobre rivais nesses prazeres factícios. Aqui reinam a alegria, a paz, a concórdia; cada um está contente com a posição que lhe é assinalada e feliz com a felicidade de seus irmãos. Pois bem, meus amigos! com esse acordo perfeito, que impera entre nós, nossas festas têm um encanto indescritível. Milhões de músicos cantam em líras harmoniosas as maravilhas de Deus e da Criação, com acentos mais deslumbrantes que vossas mais suaves melodias. Longas procissões aéreas de Espíritos adejam como zéfiros, lançando, sobre os recém-chegados, nuvens de flores cujo perfume e variados matizes não podeis compreender. Depois, o banquete fraterno a que são convidados os que com felicidade terminaram suas provas, e vêm receber a recompensa de seus trabalhos. Oh! meu amigo, gostaríeis de saber mais; impotente, porém, é a vossa linguagem, para descrever essas magnificências. Eu vos disse bastante, a vós que sois os meus bem-amados, para vos dar o desejo de aspirá-las. E, então, caro Emílio, livre da missão que realizei junto a ti, na Terra, eu a continuarei para te conduzir através do espaço, e te fazer desfrutar todas as felicidades.

*Felícia*

*(Esposa do evocador Emílio, há um ano seu guia protetor)*

#### VINDE A NÓS

**(Enviada pela Sra. Cazemajoux, médium de Bordeaux)**

O Espiritismo é a aplicação da moral evangélica, pregada pelo Cristo em toda a sua pureza; assim, os homens que o condenam sem o conhecer são pouco prudentes. Com efeito, por que qualificar de superstição, de charlatanice, de sortilégios, de demonomania as coisas que o vulgar bom-senso faria aceitar se quisessem estudá-lo? A alma é imortal: é o Espírito. A matéria

inerte é o corpo perecível a despojar-se de suas formas para não se tornar, quando o Espírito a deixou, senão um monte de podridão sem nome. E achais lógico, vós que não acreditais no Espiritismo, que esta vida, que para a maioria dentre vós é de amargura, de dores, de decepções – um verdadeiro purgatório – não tenha outro fim senão o túmulo? Desiludi-vos; vinde a nós, pobres deserdados dos bens, das grandezas e dos prazeres terrenos, vinde a nós e sereis consolados, vendo que vossas dores, vossas privações, vossos sofrimentos devem abrir-vos as portas dos mundos felizes, e que Deus, justo e bom para com todas as criaturas, só nos provou para o nosso bem, conforme estas palavras do Cristo: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” – Vinde, pois, incrédulos e materialistas; abrigai-vos sob a bandeira na qual, em letras de ouro, estão inscritas estas palavras: Amor e caridade para os homens, que são todos irmãos; bondade, justiça, indulgência de um pai grande e generoso para os Espíritos que criou e que eleva a si por caminhos seguros, embora vos sejam desconhecidos; a caridade, o progresso moral, o desenvolvimento intelectual vos conduzirão ao autor e Senhor de todas as coisas.

Não vos instruímos senão para que, por vossa vez, trabalheis para espalhar essa instrução; mas, sobretudo, fazei-o sem azedume; sede pacientes e esperai. Lançai a semente; a reflexão e o auxílio de Deus a farão frutificar, a princípio para um pequeno número, que fará como vós, e, pouco a pouco, aumentando o número de operários, vos fará esperar, após as sementeiras, uma boa e abundante colheita.

*Ferdinand,  
Filho do médium*

#### **PROGRESSO INTELECTUAL E MORAL**

**(Enviada pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)**

Venho dizer-vos que o progresso moral é o de mais útil aquisição, porque nos corrige de nossos maus pendores e nos torna

bons, caridosos e devotados aos nossos irmãos. Entretanto, o progresso intelectual também é útil para o nosso adiantamento, porque eleva a alma, faz com que julgemos mais corretamente as nossas ações, facilitando, assim, o progresso moral; inicia-nos nos ensinamentos que Deus nos tem dado há tantos séculos, por homens de méritos diversos, que vieram sob todas as formas e em todas as línguas para nos dar a conhecer a verdade, e que outros não eram senão Espíritos já avançados, enviados por Deus para desenvolverem o entendimento humano. Mas na época em que viveis, a luz que apenas clareia um pequeno número vai brilhar para todos. Trabalhai, pois, para compreenderdes a grandeza, o poder, a majestade, a justiça de Deus; para compreenderdes a sublime beleza de suas obras; para compreenderdes as magníficas recompensas concedidas aos bons e os castigos infligidos aos maus; enfim, para compreenderdes que o único objetivo a que deveis aspirar é o de vos aproximardes dEle.

*Georges*

*(Bispo de Périgueux e de Sarlat  
feliz por ser um dos guias do médium)*

### A INUNDAÇÃO

(Enviada pelo Sr. Casimir H., de  
Inspruck<sup>22</sup>; traduzido do alemão)

Um dia surgiu uma fonte numa região outrora estéril. A princípio não passava de um delgado filete de água a correr na planície, ao qual não deram muita atenção. Pouco a pouco esse fraco regato engrossou, tornando-se ribeirão; alargou-se, invadiu as terras vizinhas, mas as que ficaram descobertas foram fertilizadas e produziram a cem por um. Contudo, um proprietário ribeirinho, descontente por ver seu terreno recuado, tentou deter o curso para reconquistar a porção coberta pelas águas, julgando, assim,

22 N. do T.: Em vez de Inspruck, não estaria o Espírito se referindo à cidade austríaca de Innsbruck?